

DOSSIÊ: FORMAS DE RELIGIOSIDADE NA ITÁLIA (SÉCULOS XIII AO XV)

***Chronica monasterii S. Agnetis* ou *Vita beatae Dianae*? A história de um mosteiro feminino na Bolonha do século XIII**

Chronica monasterii S. Agnetis or Vita beatae Dianae? The history of a women's monastery in 13th century Bologna

Carolina Coelho Fortes

Universidade Federal Fluminense. Niterói, RJ, Brasil

RESUMO: Ao longo de todo o século XIII, os frades seguidores de Domingos de Gusmão passam por uma acirrada batalha interna quanto à aceitação da vida religiosa feminina associada à Ordem dos Frades Pregadores. É testemunho de primeira mão dessa contenda a monja anônima que redige, no final da década de 1250, uma breve narrativa a respeito da casa em que habita, o mosteiro de Sant'Agnese de Bolonha. O objetivo deste artigo é analisar tal texto, que recebe dos seus editores dois títulos – *Chronica monasterii S. Agnetis* e *Vita beatae Dianae* – o que demonstra as variadas possibilidades de interpretação que este coloca. Se por um lado é uma crônica que visa elencar as evidências que atrelam a casa de Sant'Agnese aos frades pregadores, por outro, é uma hagiografia de sua fundadora, a irmã Diana de Andaló, que serve também para fins de conferir legitimidade espiritual ao mosteiro.

PALAVRAS-CHAVE: Ordem dos Frades Pregadores; Monasticismo feminino; Bolonha; Século XIII; Monjas Dominicanas.

*E-mail: carolfortes@hotmail.com
<https://orcid.org/0000-0002-3083-7464>

ABSTRACT: Throughout the 13th century, the friars followers of Dominic of Guzman went through a fierce internal battle over the acceptance of the female religious life associated with the Order of Friars Preachers. The anonymous nun who, at the end of the 1250s, wrote a brief narrative about the house in which she lived, the monastery of Sant'Agnese of Bologna, at first hand testimonies to this dispute. The objective of this article is to analyze this text, which receives two titles from its editors – *Chronica monasterii S. Agnetis* and *Vita beatae Dianae* – which demonstrates the many possibilities of interpretation that it presents. If on the one hand it is a chronicle that aims to list the evidence that links the house of Sant'Agnese to the friars preachers, on the other it is a hagiography of its founder, Sister Diana de Andaló, which also serves to confer spiritual legitimacy on the monastery.

KEYWORDS: Order of Friars Preachers; Female monasticism; Bologna; 13th century; Dominican nuns.

O mosteiro¹ de Sant'Agnese em Bolonha foi fundado em 1223 pela monja Diana de Andaló. Ela não estava sozinha nessa empreitada, acompanharam-na quatro senhoras, das quais não se sabe os nomes. Diana foi inspirada e apoiada por Domingos de Gusmão e seus companheiros, em especial, Jordão da Saxônia, seu sucessor como Mestre Geral da Ordem dos Frades Pregadores. Sabemos disso, sobretudo, por meio de uma narrativa pouco conhecida, escrita em meados do século XIII, pelas mãos de uma monja anônima daquele mosteiro. Nas edições dessa narrativa a que temos acesso,² são-lhe atribuídas dois títulos: *Chronica monasterii S. Agnetis* e *Vita beatae Dianae*.³ Afinal, o texto é uma crônica ou uma hagiografia? É sobre essa aparente dubiedade que tentaremos dar conta neste artigo.

Defendemos que a dubiedade é apenas aparente. O que há, de fato, é uma duplicidade. O texto é, a um só tempo, crônica e hagiografia. Crônica porque registra fatos históricos em ordem cronológica,⁴ hagiografia porque tem como um de seus temas a singularidade da personagem principal, Diana, e a provável intenção de reputá-la santa.⁵

Não nos motiva, aqui, tanto o gênero literário no qual podemos categorizar a narrativa anônima⁶, mas suas intenções, seus objetivos e o que o texto pretende significar sobre os sucessos e reveses que a casa de Bolonha viveu em suas primeiras três décadas de existência. Assim, pretendemos proceder a uma análise de conteúdo da crônica/vida no intuito de responder a uma simples questão: o que é esse texto? Por que foi escrito? Defendemos a hipótese de que a crônica/vida visa dar legitimidade ao pertencimento da casa de monjas bolonhesas à Ordem dos Frades Pregadores que, ao longo de todo o século XIII, lutou para se desobrigar da *cura monialium*.

Essa luta coloca em oposição dois grupos. De um lado, defendendo a participação das mulheres na *religio* dominicana, estão as próprias monjas, uma parcela dos frades e o Papado; do outro lado, um poderoso grupo de frades pregadores resistente aos incômodos que podia gerar o cuidado material e espiritual das mulheres. Essa situação de indefinição institucional e jurídica não afeta apenas a Ordem dos Pregadores, mas parece ser um fenômeno bastante generalizado entre os séculos XII e XIII, acometendo inclusive os Cistercienses (PÉREZ VIDAL, 2013, p. 135), ordem com uma sólida organização já nesse período.

De acordo com Alberzoni (2016), a questão está não só nos inconvenientes que a responsabilidade material sobre os mosteiros femininos poderia causar – uma vez que o modelo que se tenta impor para a experiência religiosa das mulheres é o da clausura –, mas se relaciona justamente à tentativa, por parte do papado, em impor esse modelo monástico às mulheres. Para a autora, as novas orientações da espiritualidade e do direito canônico concretizadas após o IV Concílio de Latrão (1215) dirigiram a vida religiosa feminina para expressões consolidadas da vida regular, com base na experiência cisterciense, instituída e regulamentada pelo papado e imposta por este às ordens mendicantes (ALBERZONI, 2016, p. 320). Assim, embora possamos identificar a Cúria romana como favorável ao pleito das monjas,

como ficará claro ao longo de nossa exposição, sua aquiescência se dava apenas na medida em que essas mulheres buscavam se enquadrar no modelo proposto pelo papado.

Antes de nos determos na análise pormenorizada do documento,⁷ algumas considerações são necessárias a respeito da historiografia pertinente. Se por um lado não há qualquer estudo dedicado especificamente à *Chronica*, ela figura como recurso para as reflexões tecidas por alguns poucos historiadores e historiadoras. Destacam-se, pelo conteúdo e qualidade, as pesquisas de Guido Cariboni (2009), Maria Pia Alberzoni (2010, 2016) e Sherri Frank Johnson (2014). Os três concordam com o que também nós percebemos na narrativa: ela serve para demonstrar o vínculo inquestionável entre as monjas de Sant'Agnese e a Ordem dos Pregadores (CARIBONI, 2009, p. 156; ALBERZONI, 2010, p. 5; JOHNSON, 2014, p. 57). No entanto, não chegam a essa conclusão demonstrando uma análise minuciosa do texto da crônica, o que é nosso objetivo aqui.

Temos diante de nós um texto bastante curto, que se desenvolve seguindo a ordem cronológica dos fatos que aborda, explicitando, inclusive, uma série de datas e marcos temporais, o que é bastante próprio das crônicas medievais, e estranho às hagiografias do período. Por outro lado, parte considerável da crônica é dedicada à vida de Diana de Andaló, daí a opção de alguns editores em intitular a narrativa *Vita beatae Dianae*. Quase tudo que conhecemos sobre essa personagem está contido nesse texto⁸, que se traveste de tons hagiográficos ao dar destaque ao percurso marcado pelo ascetismo e pela dedicação à Ordem por parte da monja. Esse é, no entanto, apenas o segundo tema em número de ocorrências, com 16 passagens dedicadas a ele.

O tema mais recorrente da crônica é, com 21 ocorrências, a questão da legitimidade, ou seja, do pertencimento da casa de Bolonha à Ordem. Como passaremos a argumentar, o motivo de ser da crônica/vida é dar provas as mais contundentes do vínculo da comunidade de monjas à *ordo* dominicana. A questão colocada no título desse artigo é, de certa forma, uma pergunta falsa. Como já afirmamos, a narrativa é, ao mesmo tempo, crônica e hagiografia, *Chronica* e *Vita*, bem ao estilo de outras duas crônicas redigidas pelos frades pregadores no século XIII: o *Libellus* e a *Vitae Fratrum*. Os pregadores parecem inventar um novo gênero, que poderíamos chamar, como fez Boureau (1987, p. 98), de hagiografia coletiva. Ou, ainda, crônica hagiográfica.

Esse traço da cultura dominicana está em relação direta, acreditamos, com a demora, ou desinteresse, em promover santos próprios. O processo de canonização de Domingos só foi iniciado mais de dez anos após sua morte. A própria Diana, pretendente evidente à canonização (COAKLEY, 1991, p. 451-452), só viria a ser beatificada séculos depois.⁹ A exceção à regra é Pedro Mártir, que tem uma canonização quase imediata, pela excepcionalidade de sua morte, sem dúvida (PRUDLO, 2008, p. 23).¹⁰

Lancemo-nos, então, ao texto da crônica.

No ano do Senhor de 1218, São Domingos enviou irmãos pregadores de Roma à Bolonha. Eles chegaram por intermédio do irmão Rodolfo à igreja de São Nicolau, pois o referido irmão era sacerdote desta igreja. Tal igreja se localizava no local chamado de Vinhedo.¹¹

A monja que escreve não se acanha em fazer de seu texto uma crônica. O texto começa como crônica, estampando logo em sua primeira frase o ano da chegada dos pregadores à Bolonha, por ordem do fundador. Ali já estava, talvez, o primeiro frade pregador da cidade, Rodolfo de Faenza, que teria um papel importante na relação com Sant'Agnese, sendo prior do convento de São Nicola. A enunciação de locais é recorrente ao longo do relato, e pode indicar ainda mais um aspecto de busca pela legitimidade, porque costuma apontar para o respeito às normas da cidade, como veremos adiante.

O local de fato era aquele: do senhor Andaló, pai da ilustríssima mulher senhora Diana. O referido senhor Andaló não queria dar o local mencionado aos frades. No entanto, a pedido da senhora Diana, posteriormente fundadora da casa de Sant'Agnese, deu sua aprovação; concedeu-lhes o local mencionado. Aqueles frades edificaram ali uma casa e um claustro: e por graça de Cristo, começaram a se multiplicar os frades.¹²

O pai de Diana, Pedro Lovelo¹³, conhecido pela alcunha de Andaló, era figura importante na Lombardia inteira, particularmente em Bolonha. Ele era membro expoente da família Carbonesi, partidária dos interesses imperiais e contrários à política papal (BORGHI, 2015, p. 20). Tão conhecido em Bolonha, que dispensava apresentações, para além de ser pai de Diana. De início ele se recusa a entregar seu terreno aos frades. É então que entre em cena pela primeira vez Diana, intercedendo pelos frades junto a seu pai. A monja anônima não se demora em conferir-lhe um apodo: Diana virá a ser a fundadora da casa que a acolhe. Num só movimento, nossa monja alia o auxílio prestado aos frades à fundação de Sant'Agnese. Sua primeira ação está associada, nesse jogo de frase, à sua maior ação, a criação do mosteiro. E assim os frades prosperaram.

Entrementes o mestre Reginaldo veio a Bolonha pregar a palavra de Deus com grande fervor. A mencionada senhora Diana, filha do já referido senhor Andaló, tomada pelo espírito divino, começou a desprezar as pompas e futilidades seculares e a manter amizade e frequentes diálogo com os frades pregadores.¹⁴

Mais uma vez repete-se a filiação de Diana, colocada há pouca distância, no parágrafo anterior. Numa hagiografia, porque também na sociedade que a produz, a origem é essencial. A devoção religiosa de Diana foi alimentada, primeiro, por Reginaldo d'Orleans, um dos mais renomados companheiros de Domingos. Reginaldo ingressou na Ordem naquele mesmo ano (1218) já sendo mestre em Teologia por Paris. Sua entrada será registrada com júbilo no *Libellus* de Jordão: “[...] Mestre Reginaldo era um homem muito conhecido, douto e ilustre pelos postos ocupados: entre outras tantas funções havia regido por cinco anos, em Paris, a cátedra de Direito Canônico.”¹⁵ Assim, não é qualquer homem que inflará em Diana o sentimento religioso, mas um mestre reconhecido.

Esse fervor religioso se traduz em Diana no desprezo às “pompas e futilidades seculares”, ou seja, a rejeição ao mundo própria das santas. Esse caminho para a santificação é asfaltado pela aproximação com os frades. O texto indica amizade e diálogos frequentes, enfatizando os laços pessoais que então começavam a ser tecidos, e que eram um dos principais pilares da legitimidade arvorada ao longo da crônica.

Por essa razão, quando são Domingos veio a Bolonha, se pôs ela a amá-lo com toda a afeição de sua alma e a tratar da salvação de sua alma com ele. Finalmente, não muito tempo depois, entregou-se a suas mãos e fez profissão de fé estando presentes o mestre Reginaldo e outros frades, assim como o frei Guala de Bréscia, o já mencionado irmão Rodolfo e as senhoras que até aquele momento permaneciam diante do altar de São Nicolau.¹⁶

A monja anônima continua, introduzindo agora Domingos na narrativa. Ele enfim chega a Bolonha¹⁷ e Diana, já caminhando a passos largos na via da devoção, imediatamente é tomada por afeto ao fundador. Pelas mãos de Domingos ela fará sua primeira, de três, profissão de fé, ou seja, é recebida na vida religiosa pelo idealizador e responsável máximo pela Ordem. O ato tem testemunhas ilustres, três delas serão nomeadas: o próprio mestre Reginaldo, Rodolfo¹⁸, iniciador da Ordem em Bolonha, e Guala de Brescia, que merecerá várias outras menções ao longo do texto, entrando na Ordem também

naquele ano (1219) e atingindo altos postos na Igreja, chegando a ser núncio papal (1227-1228) e bispo de Brescia (1229-1239) (LIPINNI, 1988, p. 49). Além deles, estão presentes, e são também recebidas na vida religiosa, as quatro companheiras de Diana, que jamais são identificadas, por serem mulheres e não deterem poder simbólico suficiente para servir como legitimadoras do vínculo com a Ordem.

Depois disso, muitas senhoras nobres e matronas ilustres da sociedade bolonhesa seguiram o exemplo, travando amizade com os frades pregadores e mantendo diálogo sobre a salvação de suas almas. Isso despertou a devoção de muitos nobres e parentes das senhoras, os quais começaram a ajudar e venerar os frades.¹⁹

Senhoras nobres, ilustres, são atraídas para a Ordem, garantindo-lhe prestígio. Mas o verdadeiro prestígio, nessa passagem, vem dos “*multorum nobilis et consanguineorum dominarum*”. São os parentes nobres das senhoras que, por intermédio delas, se aproximarão dos frades e os ajudarão.

Nesse ínterim, a mencionada senhora Diana não se esqueceu de seus votos: ela começou a tratar com São Domingos como poderia levar a efeito seu voto. Num certo dia, portanto, São Domingos reuniu seus frades e requereu o beneplácito deles, certamente quanto à edificação da casa das senhoras, que seria da Ordem. Quando os frades responderam de acordo com seu entendimento, o próprio santo disse aos frades: “Eu não vos responderei hoje. Quero consultar-me com o Senhor e amanhã vos responderei”. E imediatamente se devotou à oração. Já no outro dia logo após a oração, estando sentado entre os frades no capítulo, disse: “É inteiramente necessário que se edifique a casa das senhoras, mesmo que seja necessário interromper [a construção] desta nossa casa”.²⁰

Tendo Domingos aberto as portas da vida religiosa para Diana, faltava-lhe ainda o lugar material onde colocá-la. É assim que se dá lugar, na crônica, às conversas entre ambos a respeito de como prosseguir na vida religiosa. Esses diálogos ultrapassam a amizade dos dois quando Domingos leva aos seus companheiros a possibilidade de se construir uma casa para as mulheres. Casa essa “*que ordinis diceretur et esset*”, ou seja, que deveria ser da Ordem, estar vinculada, desde seu planejamento, aos frades. Dessa forma, é o próprio Domingos a afirmar que o futuro mosteiro de Sant’Agnese pertencia à Ordem. Essa afirmação se reveste de autoridade que ultrapassa a do próprio fundador. Ultrapassa, na visão daquela cultura, qualquer outra autoridade, pois Domingos, percebendo a dissensão entre seus seguidores (que mal fica implícita na narrativa) remete a decisão a Deus. A escritora registra a resposta de Domingos no capítulo dos frades reunidos, porque não há dúvidas quanto à necessidade e importância desse novo projeto, maiores, inclusive, que a construção do convento masculino.

É de se notar que o recurso à divindade aqui vem como um argumento de autoridade, a santidade de Domingos, fomentada por um aparente desacordo. A cena descrita se dá da seguinte forma: Domingos coloca a questão para os frades, que começam a responder segundo seus próprios entendimentos. Domingos, então, interrompe o processo de tomada de decisão para se consultar com Deus por meio da oração. Nossa leitura é a de que esse “entendimento” dos frades é: 1) contrário aos planos de Domingos e Diana; 2) menor, menos legítimo que os desígnios divinos. Essa nos parece uma mensagem clara para aqueles que, no período em que a crônica foi escrita, continuavam a questionar a filiação de Sant’Agnese aos pregadores.

Entrementes São Domingos, partindo de Bolonha, delegou esse assunto a quatro frades, a saber, ao mestre Paulo da Hungria, ao frade Guala, que pouco depois seria bispo da Bréscia, ao frade Ventura de Verona, que pouco depois se tornaria prior provincial, e ao frade Rodolfo

de Faenza, já mencionado. Sendo assim, os quatro, em nome de São Domingos, foram ao local onde se deveria edificar a casa das senhoras. No entanto, o bispo bolonhês não queria que se construísse a igreja no referido local. De acordo com ele, o local estaria perto demais da cidade.²¹

As relações pessoais são mais uma vez evocadas, servindo a menção a nomes de expoentes da Ordem, consistentemente ao longo do relato, para dar base ao pleito das religiosas de Sant'Agnese. Aqui não só os nomes são arrolados, mas os cargos aos quais ascenderão alguns desses frades. Eles servirão como lugares-tenente de Domingos na sua ausência, garantindo, assim, a legitimidade de suas ações. Faz-se, então, uma segunda (de três) referência às restrições quanto aos locais em que conventos podiam ser construídos na cidade, que podem indicar o quão respeitosos eram os frades às determinações episcopais.

Entrementes a senhora Diana residia na casa de seu pai, mas certamente apenas em corpo, não em espírito. Sob sua roupa, sua carne se vestia com o cilício e uma corrente de ferro o prendia. Sobre esse arranjo, cobriam seu corpo seda púrpura e joias preciosas: ouro e prata. Além disso, ela se demorava em seu quarto todas as manhãs até as terças, de pé, em oração e silêncio. [...] num dia, na festa da beata Maria Madalena, disse que queria visitar o monastério conhecido como Ronzano. Dirigiu-se à casa com grande pompa e enorme glória, congregada com uma grande quantidade de senhoras. No entanto, quando chegou ao local, entrou sozinha no dormitório das irmãs e inesperadamente pediu pelo hábito e o aceitou.²²

Enquanto aguardava pela construção do mosteiro, Diana morava na casa paterna. Mas a cronista deixa claro que estava ali apenas em corpo. Seu espírito negava sua posição no mundo, seus laços familiares, elementos centrais para o que se percebia então como santidade. Sua dedicação à oração silenciosa é outro desses elementos, a ascese. Diana escolhe um dia santo, e justamente o dispensado àquela que seria padroeira da Ordem (JANSEN, 2000, p. 45), para fugir da casa de sua família. Ela busca refúgio em Ronzano, cenóbio da Ordem de São Marcos de Mantova, próximo a Bolonha (CARIBONI, 2009, p. 159). Até lá, é acompanhada por um verdadeiro cortejo, do qual se desprende para imediatamente tomar o hábito sozinha, enfatizando-se assim, sua singularidade.

Quando ali a grande quantidade de senhoras, que com ela veio, tomou conhecimento do ocorrido, enviaram um mensageiro à cidade. Repentinamente houve enorme concurso de muitas pessoas, de homens e mulheres, dos pais e amigos que, chegando ao monastério, a tiraram de lá com grande violência, tanta que quebraram uma costela sua. Ela carregou a seqüela da fratura até a sua morte. Em razão dos ferimentos que então se lhe fizeram, ficou de cama, enferma, por quase um ano na casa de seu pai.²³

A comitiva que a acompanhava, surpresa certamente com a súbita entrada de Diana no mosteiro de Ronzano, chama por ainda mais testemunhos, em especial seus parentes que, chegando ao ápice de sua oposição à escolha da moça, lançam mão de violência para interromper seus esforços. Se analisamos essa passagem por ela mesma, temos clara a firme convicção de Diana em deixar a casa paterna e ingressar na vida religiosa, o que indica um aspecto da santidade já mencionado anteriormente, a ruptura com os laços familiares. Outro aspecto santo que fica patente nessa passagem é o sofrimento físico provocado pelo ataque, que incita mais uma vez à maceração da carne, requerida aos que pretendem constar na fileira dos santos.

Não podemos deixar de observar o fato de que essa mesma atitude é verificada, por exemplo, na vida de Clara de Assis, sua contemporânea. Alberzoni e Johnson também perceberam essas semelhanças

entre a vida de Diana e a vida de Clara de Assis, sem, no entanto, se arriscarem a delinear alguma explicação. Clara e Diana se encontram, nos inícios de seus percursos religiosos, com figuras carismáticas, os fundadores; tem seu desejo de seguir a vida religiosa inspirado por essas personagens; deparam-se com forte oposição familiar; fogem, à noite, da casa paterna; professam sua fé, entrando para a vida religiosa, pelas mãos dos fundadores; acomodam-se temporariamente em casas de penitência; aguardam um período para iniciarem seus próprios projetos e contam com apoio dos frades na realização de sua nova forma de vida.

Essas semelhanças se explicam, a nosso ver, pelas características do gênero hagiográfico. Já chamamos atenção para o fato de que os gêneros literários não devem ser uma amarra, mas um fio condutor para a compreensão dos discursos que emitem. E a “coincidência” de trajetórias de vida indica uma escolha consciente, por parte da autora, de alçar Diana à santidade.

Era a época, então, do beatíssimo padre Domingos [estar] em Bolonha e tendo sabido do ingresso dela [no mosteiro], ficou muitíssimo feliz. Depois, porém, sabendo das agressões sofridas por ela, compadeceu-se penosamente e passou a lhe dirigir cartas no período em que se encontrava enferma na casa de seu pai; mas isso em segredo, pois seus pais não a permitiam falar com nenhuma pessoa a não ser que estivesse presente algum parente seu.²⁴

Temos, nessa passagem, a insistência do vínculo entre Diana e Domingos. A menção às emoções de Domingos – alegria pela entrada da monja em Ronzano e tristeza pelas agressões que sofreu – evidencia uma relação próxima, de admiração e afeto que, por um lado, coloca ênfase na santidade de Diana e, por outro, garante legitimidade à futura fundação. A amizade entre os dois é sublinhada pela referência à correspondência que se estabelece entre eles nesse período difícil da vida de Diana.

Nesse mesmo período, São Domingos migrou com grande felicidade para as graças eternas. A irmã Diana, porque permanecia na casa de seu pai, ficou demasiadamente aflita com a morte do grande padre. Mas Deus onipotente, que a escolheu ante a constituição do mundo, não a abandonou: comiserado dela, removeu-lhe em pouco tempo seus impedimentos. Desse modo, ela começou a convalescer de sua grave enfermidade. Tendo, porém, convalescido um pouco, numa noite, na festa de todos os santos, fugiu. Saindo da casa de seu pai, dirigiu-se para o mosteiro já referido. Já sem esperanças, seus próprios pais renunciaram a ela. Permaneceu, portanto, naquele mosteiro da festa de todos os santos até a semana depois da oitava da Ascensão.²⁵

A morte de Domingos é aflitiva para Diana porque, para além da amizade que nutriam um pelo outro, de sua graça dependia a edificação do mosteiro feminino. Além disso, aqui temos uma indicação direta da graça divina dirigida a Diana. Deus lhe tira Domingos, mas a recompensa com seu restabelecimento, que está atrelado à segunda, e definitiva, fuga da casa paterna. Aqui se dá a ruptura inequívoca com a sua vida pregressa, que possibilitaria o que se acreditava ser a “verdadeira vida apostólica” e a criação dos laços de parentesco artificiais que a vida monástica impõe (MALLON, 2015, p. 13). Novamente a ação ocorre em um dia santo, marcando a aproximação de Diana com o sagrado.

No mesmo local se encontrava, então, o mestre Jordão, de feliz memória, que naquele tempo era provincial da Lombardia e, junto com os frades supramencionados, cuidava dos assuntos de São Domingos. [...] Como já foi dito acima, o bispo não queria que a igreja se construísse no supramencionado local, argumentando que ele se encontrava muito próximo da cidade. Os referidos frades, com os parentes da senhora, buscaram outro local, a saber, o vale de São Pedro.²⁶

Jordão entra em cena após a morte de Domingos e a ruptura definitiva de Diana com sua família. Então haverá espaço para a profunda amizade que se desenvolverá entre os dois, registrada nas 37 cartas que o futuro Mestre Geral envia à monja até a sua morte (FORTES, 2020, p. 177). Esse trecho aponta, pela terceira vez na crônica, a preocupação em trazer à tona o respeito aos ditames episcopais acerca da localização das fundações religiosas na cidade de Bolonha, mais um lembrete da correção da casa. Uma informação que merece atenção é a participação dos parentes de Diana na tentativa de resolver onde será construído o mosteiro. Vimos, no trecho anterior, que Diana rompe seus laços com a família, que aparece aqui, no entanto, apoiando-a. Isso corrobora nossa argumentação quanto ao investimento da cronista em fazer da fundadora uma pretendente à santidade pois, apesar de afirmar que a família renuncia à monja, um *topos* hagiográfico, continua reconhecendo que esta a apoia ainda.

Construída a pequena casa, vieram a ela o referido padre mestre Jordão com outros frades da mesma ordem, a saber, frade Guala, frade Ventura de Verona, frade Rodolfo de Faenza, frade Bernardo da Teutônia e outros frades. E eles a introduziram à pequena casa com outras quatro senhoras de Bolonha no ano do Senhor de 1223 depois do oitavo domingo da Ascensão. Mas foi na festa dos apóstolos Pedro e Paulo que elas receberam do citado padre mestre Jordão o hábito da ordem e, em sequência, assistiram à pregação e admoestação do frade Bernardo da Teutônia.²⁷

Enfim, a casa é fundada e nelas são recebidas as cinco monjas: Diana e as quatro anônimas que a acompanham desde o início da crônica. Percebemos, logo de saída, o substantivo usado para a casa: *domuncula*, casinha, o que atesta a humildade e pobreza da construção. O ingresso das mulheres, no entanto, é precedido pela presença dos frades, dentre os quais os mais importantes são novamente nomeados, um instrumento retórico, como já apontamos, que serve para atestar os vínculos da *domuncula* com a Ordem. Há mais um ritual de vinculação, a vestição do hábito, seguida pela pregação de frade renomado, fator que reveste a cerimônia de pompa.

Chama atenção a insistência, na crônica, das várias entradas de Diana na vida religiosa. Até aqui temos: 1) a profissão de fé que faz pelas mãos de Domingos; 2) a primeira fuga para Ronzano; 3) a segunda fuga para Ronzano; 4) a vestição do hábito na recém-inaugurada Sant'Agnese. Se essa repetição evidencia a convicção religiosa de Diana, pode ser vista também sob um outro prisma, como sugere Cariboni. O historiador italiano compara a trajetória de Diana com a de sua correligionária Cecília (sobre a qual trataremos mais adiante) e as minoritas Clara de Assis e Franca, afirmando ser comum, na vida de monjas fundadoras do século XIII, a passagem de uma casa para outra. Esse expediente narrativo colocaria os hagiógrafos na condição de afirmar as diferenças entre as formas de vida regular já consolidadas e as ordens que estão começando a despontar. Tal confronto permitia evidenciar as peculiaridades disciplinares e institucionais, de fato pouco marcadas, das novas experiências, atestando sua validade e fazendo emergir, assim, por contraste, sua identidade específica (CARIBONI, 2009, p. 167).

A crônica, como atesta Tugwell, tende a ignorar períodos em que nada de relevante acontece. O historiador dominicano defende que o trecho exposto acima cobre um período de cinco anos, 1223 a 1227. Ele acredita que a reunião de frades a que alude a crônica é o capítulo geral de 1227, realizado em Bolonha, e que teria sido nessa ocasião que Jordão recebera a profissão de fé de Diana e suas companheiras. Essa segunda entrada das irmãs seria, então, uma ratificação formal de sua aceitação na Ordem (TUGWELL, 2000, p. 92). No entanto, acreditamos ser a cronologia proposta por Tugwell um tanto problemática, na medida em que há uma bula papal, datada de 17 de dezembro de 1226, a que se faz referência no trecho exposto na sequência deste, que vai abaixo.

Pouco tempo depois, duas nobres senhoras de Ferrara se associaram ao colegiado delas. Entretanto, o mestre Jordão, de santa memória, requereu a licença do sumo pontífice para que quatro irmãs de compostura santa ensinassem a elas a ordem e o modo da religião. Destinou à corte papal dois dos quatro frades que cuidavam dos assuntos de São Domingos: o frade Guala de Brescia e o frade Rodolfo de Faenza. Desse modo, os dois se dirigiram ao sumo pontífice e lhe expuseram o motivo da viagem. Não lhes valeram todas as suas preces para a concessão da graça.²⁸

Vemos nessa passagem o crescimento, ainda que insipiente, da casa de Bolonha, com a entrada de duas novas monjas. A frase que se segue suscita algum debate da historiografia, mas antes de nos determos nele, há que se perceber a relação entre as duas sentenças: primeiro a cronista atesta o crescimento da casa, para então observar que Jordão contactou o papa para pedir-lhe a transferência de monjas da casa de Roma para Bolonha. Ou seja, é esse crescimento, e a expectativa de que este apenas se iniciava, que impulsiona Jordão a buscar o auxílio de religiosas mais experientes que conduzissem a vida monástica das mulheres em Bolonha.

Jordão requer ao papa, por intermédio de Guala e Rodolfo, que libere as monjas de São Sisto de Roma. Esse mosteiro estava sob os cuidados dos dominicanos desde que Honório III encarregou Domingos de estabelecer ali a clausura, como resultado de uma política que havia se iniciado ainda no papado de Inocêncio III, voltada à reforma da vida religiosa feminina que tomava como ponto central a clausura (CARIBONI, 2009, p. 40). São Sisto será o epicentro dessa reforma, reunindo-se ali todas as monjas de Roma. No entanto, fica-nos a questão: se São Sisto pertencia à Ordem, por que a necessidade de se pedir dispensa ao papa? Uma hipótese se encontra já na informação acima referida. Se São Sisto era um projeto papal, delegado a Domingos, nada mais correto do que pedir permissão ao papa para que daquela casa se retirassem algumas monjas. Além disso, a deferência ao pontífice, sem dúvida, era uma forma de estreitar os laços entre a Ordem nascente e aquela que os frades consideravam ser a maior instância institucional e espiritual da Cristandade, responsável por legitimar a existência da própria Ordem.

Outro aspecto que nos chama atenção nessa passagem é a sentença *eas docerent ordinem et modum religionis*. O recurso às monjas de São Sisto, portanto, tinha como objetivo que estas ensinassem a forma de vida monástica sob a ótica adotada pela Ordem. Ora, se tomarmos como certo que esse pedido é feito em 1226, a Ordem dos Pregadores tinha dez anos de existência e, pelo menos, cinco mosteiros femininos.²⁹ Haveria, já concretizada, uma única forma de vida para as mulheres? Ao que tudo indica, pelo menos as duas primeiras fundações femininas da Ordem eram mosteiros mistos, em que a clausura talvez ainda não fosse uma exigência (SMITH, 2009, p. 343; 346). Sendo assim, àquela altura, ainda se construía uma forma de vida feminina. E, na sentença aqui sublinhada, esse tipo de vida podia, sim, ser ensinado pelas próprias monjas, em especial aquelas advindas de São Sisto, que serviria de modelo, ao longo do século XIII, para as religiosas dominicanas.

O pedido dos frades, no entanto, é negado. Vejamos o porquê.

Finalmente, foi por meio das preces do senhor Ugolino, bispo da Óstia, que ele se inclinou à concessão. Isso porque o senhor Ugolino, bispo da Óstia, quando foi embaixador na Lombardia, soube da fama da supradita Diana por São Domingos e já tinha se mostrado desejoso de visitá-la enquanto ela ainda estava na casa de seu pai. O sumo pontífice Honório, portanto, chegando ao mosteiro de São Sisto e estando presentes o referido senhor Ugolino e o frade Clario da província de Túsculo, assim como o prior das irmãs de São Sisto e o frade conventual, entre outras coisas ditas às irmãs, disse o seguinte: era-lhe demasiadamente duro

vê-las deixar o mosteiro, no entanto, atendendo em grande concordância e sentindo como inadequado não assentir às preces de tais pessoas pela concessão da graça, estabeleceu que quatro dentre elas deveriam se destinar ao mosteiro de Sant'Agnese.³⁰

Honório recusa o pedido de Guala e Rodolfo, mas recebe o de Ugolino.³¹ Ugolino de Óstia se tornaria, em 1227, o sucessor de Honório no trono romano. Do ponto de vista discursivo, esse fato por si explicaria que o então papa aquiescesse somente ao pedido do futuro papa. O texto, no entanto, para além de estabelecer firmemente a relação da Ordem e da casa de Bolonha com o papado, indica ainda um outro fator, especificamente hagiográfico: é o conhecimento, ainda que indireto, que Ugolino tem de Diana, e a inspiração que ela representa, que convence Honório a liberar as monjas romanas.

Mas essa dispensa não se dá em definitivo sem que antes tenhamos montada uma outra cena, que se reveste também de alguma solenidade: encontram-se no mosteiro de São Sisto, reunidos, pelo menos cinco homens, todos eles autoridades, sendo nomeadas as maiores dentre elas, o que já vimos ser um instrumento retórico que confere legitimidade. Nossa monja anônima prossegue registrando o que teria dito Honório naquela reunião, esclarecendo o porquê de sua reticência inicial: não queria perturbar as irmãs, retirando-as de sua comunidade. O motivo que se dá para a aceitação em nada se relaciona ao bem-estar da casa de Bolonha, mas ao fato de Honório *talium personarum preces ad exauditionis gratiam non admittere*, ou seja, ele não queria se opor ao pedido de tais pessoas. Vemos, mais uma vez, como a lógica adotada na crônica é a da primazia dos vínculos pessoais.

Desse modo, quatro irmãs que se tinham professado pelas mãos de São Domingos, e dele recebido o hábito, deveriam ir ao mosteiro de Sant'Agnese. E elas permaneceram naquele colegiado até o dia de sua morte, exercendo sua tarefa com grande vigor de santidade. Das quatro irmãs, havia uma, irmã Cecília, que vive até hoje. [...] Depois disso os frades, pregando na Lombardia e nas Marcas, se puseram a converter as senhoras e a cuidar de compor o colegiado delas; desse modo, em pouco tempo as mais nobres da Lombardia e das Marcas já faziam parte do colegiado.³²

São escolhidas quatro monjas que haviam entrado na Ordem pelas mãos de Domingos, o que confere não só prestígio a essas mulheres como à sua missão em Bolonha e à casa que as recebe. A intenção do pequeno grupo é firme, uma vez que ali permaneceriam pelo resto da vida, contando-se entre elas uma ainda viva enquanto a crônica é escrita, e que havia testemunhado um dos milagres de Domingos em Roma. Essa monja, Cecília Cesarini, narraria os milagres do fundador a outra monja, Angélica, que os colocaria por escrito no final da década de 1280 (BÉRIOU; HODEL, 2019, p. 109-120). Depois de estabelecidas as irmãs de S. Sisto em Bolonha, os frades se engajaram ativamente em converter mais mulheres para a casa. Com essa última passagem, a cronista demonstra que os frades agiram não só para manter, mas também para alargar a comunidade de Sant'Agnese, atraindo até ali não quaisquer mulheres, mas *nobilioribus*, mais um indício da relevância do mosteiro.

O mestre Jordão, imbuído do ofício de mestre, enviou o já referido frade Guala ao sumo pontífice Honório no intuito de obter cartas de instrução para que o mestre da ordem cuidasse e gerisse a casa de Sant'Agnese, assim como [faria com] qualquer outra casa da ordem. Sendo assim, o mestre Jordão, de feliz memória, apresentou as cartas no capítulo geral que foi então celebrado em Bolonha. Por vontade de todos os definidores o capítulo recebeu aquela casa; e o mestre recebeu em suas mãos a irmã Diana; ela, juntamente com todas reunida para professar. Os priores provinciais lá presentes aceitaram, em nome do mestre da ordem, que as irmãs seguintes professassem.³³

Novamente o papa é acionado, agora para garantir cartas que ordenassem que o mestre geral era responsável pela casa. Ou seja, pairavam ainda dúvidas quanto a sua legitimidade. A passagem aqui colocada cita, *ipsis litteris*, a bula emitida por Honório em 1226: *domus sancte Agnetis teneretur curam gerere sicut alicuius domus Fratrum ordinis* (CAMBRIA, 1973, p. 81-82). O recurso à cópia da missiva papal busca demonstrar, uma vez mais, a relação próxima com a maior fonte de legitimidade da Igreja.

Segue-se a isso o relato de uma cena bastante emblemática. Estando reunidos os frades no Capítulo Geral de 1227, Jordão lê as cartas enviadas por Honório. A reação a esse gesto é a aceitação da casa. É de se notar que, até esse ponto, as manifestações de desacordo quanto ao pertencimento de Sant’Agnese à *ordo* dos pregadores são apenas implícitas. Aparentemente, a cronista não pretende chamar atenção tanto para essas dissensões, mas apenas para suas resoluções. Devemos lembrar que um dos princípios reiterados tanto nos Capítulos Gerais, quanto na Constituições, é o de silêncio a respeito das críticas feitas internamente à Ordem.³⁴ Assim, a monja anônima, calando-se o mais que pode a respeito dos ataques à Sant’Agnese, também dá sinais do quão apropriada é a afiliação da casa aos pregadores, pela obediência que devota às normativas da Ordem.

O trecho se conclui com a admissão, pela terceira vez, de Diana na Ordem. Essa profissão de fé, portanto, realiza-se diante dos olhos dos definidores (frades chamados a compor o capítulo) e dos priores provinciais e, mais uma vez, reafirma o legítimo lugar das monjas entre os frades. A cerimônia se desenrola com a aceitação de cada uma das irmãs, mais de uma dúzia de mulheres, evidenciando a inequívoca congregação da comunidade ao seio dominicano.

De fato, era grande o amor que o venerável padre mestre Jordão tinha por esse colegiado; tanto que em toda necessidade e dificuldade ele se colocava à disposição. Atestam isso as cartas escritas por ele à irmã Diana e a outras irmãs do mesmo local. Além disso, o venerável padre lhes concedeu e designou frades que fossem enviados cotidianamente à casa delas para celebrar as solenidades assim como se dá nas casas da Ordem. Isso porque, no início, ele designava conversos que residissem na mesma casa e que a administrassem temporariamente. Não obstante, posteriormente as irmãs disfrutaram de melhor consideração: de tal forma que na casa delas de modo nenhum viessem a residir conversos ou clérigos. Desse modo, o feliz padre ordenou o que foi dito acima, a saber, que aqueles que todos os dias celebrassem os ofícios divinos não permanecessem residindo na casa delas.³⁵

Vemos aqui a lembrança, duas décadas depois, não apenas da amizade entre Jordão e Diana, e a comunidade fundada por ela, mas, dos documentos que atestam essa relação: as cartas enviadas pelo mestre à monja. De acordo com Cariboni, tanto as cartas quanto a própria crônica serviram como provas da associação legítima entre as mulheres e os pregadores. Para o italiano, o texto da crônica foi seguramente escrito para ser levado a um capítulo geral, talvez o dia 1257, ou enviado à Sé Apostólica, com o fito de legitimar o pedido de incorporação de Sant’Agnese (CARIBONI, 2009, p. 158).

É Jordão, autoridade máxima da Ordem, quem determina que as monjas devem ser visitadas diariamente por frades que lhes garantam os cuidados espirituais, *utpote domus ordinis*, ou seja, como uma casa da Ordem. Essa expressão aparece, com pequenas variações, no trecho copiado da bula de Honório III. A cronista não poderia ser mais clara: sendo uma casa da Ordem, assim Sant’Agnese deve ser tratada. E aqui temos o principal motivo pelo qual os questionamentos e o repúdio de certos frades se dava: o cuidado – espiritual e material – das monjas demandava a mobilização de frades em um momento em que a Ordem ainda se consolidava, retirando-os das funções que estes acreditam ser mais importantes.

Com isso, Jordão dava àquelas mulheres condições consideradas mais dignas, porque vemos que antes elas eram atendidas por conversos, espécie de frades de segunda categoria, que, geralmente

por não terem recursos materiais, não faziam todos os votos e não eram tidos integralmente como frades. No entanto, as monjas gozariam, posteriormente, de ainda maior consideração, uma vez que Jordão determinará não só que sejam atendidas por frades, mas que estes não residiriam junto a elas. Sem descartamos a sinceridade da escritora, que parece se regozijar com a presença, apenas na medida do necessário, de homens em sua casa, podemos também ver aqui o repúdio à possibilidade de casas mistas, como o foram pelo menos duas das primeiras casas dominicanas, a de Prouille e a de Madri (SMITH, 2009, p. 343-346). Essa recusa ia ao encontro, justamente, da política papal a favor da reclusão monástica feminina.

Algum tempo depois, alguns frades começaram a fazer perguntas sobre a referida casa e, assim, a trazer perturbação para as referidas irmãs. De forma que o referido padre instantaneamente, no capítulo geral de Paris, junto com os definidores, deliberou com os mestres parisienses que lhe deram de uma vez resposta, a saber, que não poderiam sequestrar aquela casa de seus cuidados sem incorrer em mortal pecado. A partir daí, o próprio beato padre muito duramente repreendia aqueles que movessem queixas e questionamentos acerca da casa mencionada. Além disso, exortava e aconselhava os presentes e ausentes para que amassem e consolassem aquela casa como uma casa da ordem.³⁶

Pela primeira vez, nossa cronista anônima é explícita em relação à oposição feita pelos frades. Isso porque a situação chega a um ponto de paroxismo. A reação de Jordão, estando ele em Paris para o Capítulo Geral, provavelmente de 1228, é taxativa. Se há dúvidas, recorre-se àqueles que melhor podem dirimi-las: os mestres em Teologia da maior e mais renomada corporação universitária da Cristandade. Sua resposta é rápida, pelo que atesta a crônica: a exclusão da casa de Bolonha é equiparada a um *mortali peccato* pelos mestres parisienses. Jordão endurece com seus correligionários. Não apenas passa a repreender enfaticamente qualquer frade que questione a legitimidade de Sant'Agnese, como os exorta a cuidar dela *utpote domum ordinis*. A expressão papal, aqui repetida pela terceira vez, serve como ratificação dessa legitimidade.

Tendo, finalmente, o senhor Honório ingressado no caminho universal de toda carne e o senhor Gregório elevado à glória pontifical, a já referida irmã Diana, fundadora da casa de Sant'Agnese, encarregou-se de obter as cartas de instrução do sumo pontífice para que o mestre da ordem mantivesse a casa de Sant'Agnese como qualquer outra casa dos frades da ordem. O Senhor anuiu com seu voto. Desse modo, conseguiu-se aquilo que se queria do sumo pontífice. Assim a casa ganhou os cuidados do mestre da ordem por intermédio desses dois pontífices antes de sua morte.³⁷

Com a ascensão de um novo papa, é Diana quem buscará junto a ele mais uma garantia da legitimidade de sua casa. Nisso, novamente é recipiente da graça divina. Temos, então, mais uma passagem em que crônica e hagiografia andam juntas explicitamente. Insiste-se, ainda outra vez, na obrigação que os mestres gerais recebem do papado em prover a comunidade feminina. Devemos imaginar que a repetição desse princípio está diretamente relacionada ao questionamento acerca dele.

Tendo transcorrido treze anos na ordem, a venerável mulher irmã Diana, digna de Deus, felizmente migrou para sua casa. Às suas exéquias atendeu todo o conjunto de frades pregadores da Bolonha junto com o prior. O corpo dela, de modo a ser venerado, foi sepultado dignamente e com honra ao lado do altar De Sant'Agnese encerrado numa arca de madeira. Quanto luto

de todos! [...] No entanto, aquela feliz mulher foi prudentíssima e eloquentíssima, de bela face e adorável aparência: por todos os olhos era vista como graciosa e amável. Dotada de honra, devotada à obediência divina, atenta às orações. Tão entregue à devoção que frequentemente provocava copiosas lágrimas em suas irmãs. Amava seus irmãos e principalmente a Ordem. A humildade residia fundo em seu coração, vestia um hábito o mais simples diante de todos. [...] Ela era adornada destes e outros dons, essa irmã digna de Deus. Ao mosteiro que ela fez construir cabiam palavras semelhantes e exemplos maravilhosos.³⁸

Então chega o derradeiro dia de Diana. Dá-se amplo espaço no texto da crônica à fundadora. Salta-nos aos olhos a referência ao seu enterro, que explicitamente a coloca como pretendente a santidade, uma vez que se indica que seu corpo deve ser venerado. O texto prossegue expondo os motivos para essa veneração, arrolando suas profundas e numerosas virtudes: prudência, eloquência, beleza, graça, amabilidade, honra, obediência, devoção, caridade, humildade, simplicidade. Conclui-se essa passagem com uma frase emblemática, que une Diana a sua casa incontestavelmente. Diana é o mosteiro. Se, portanto, ela é santa, também o é o mosteiro. Hagiografia e crônica, assim, não se dissociam.

Depois de sua morte, o mestre Jordão, de feliz memória, no mesmo ano, encontrou o caminho universal de toda carne; e o mestre Raimundo foi instituído mestre da ordem. Quando este veio à Bolonha e visitou as irmãs, imbuído da prerrogativa de diligente inspeção, depois de ter ouvido dos frades sócios que estavam com ele, a saber, frei Ventura e frei Rodolfo, assim como do prior do convento dos frades bolonheses, como seu predecessor recebera a casa, presidindo o capítulo diante de todas as irmãs e todos os frades já mencionados, disse: assim como meu predecessor vos recebeu, eu vos recebo. Assim, antes de deixar Bolonha, recebeu todas para a profissão e por si mesmo visitou a casa.³⁹

Assim como ocorre em relação aos papas, também se dá em relação aos mestres gerais. Ou seja, instituído um novo mestre, uma nova aceitação da casa é necessária. Podemos inferir dessa passagem que a troca na hierarquia dominicana enseja mais insegurança institucional. Tanto que Raimundo de Peñafort se vê no direito de inspecionar o mosteiro, de ouvir o que tem a dizer os frades sobre aquela comunidade, para só então afirmar seu pertencimento à Ordem. Pela segunda vez sabemos que as monjas estão presentes no Capítulo Geral, fato esse senão inédito, ao menos incomum entre as ordens religiosas medievais. Não podemos nos furtar a imaginar que a presença física das monjas na reunião dos frades servia como um meio de pressão para que estes não a abandonassem.

Nesse período, tendo sido o frade Ottone da Teutônia instituído no ofício de provincial da Lombardia, desejoso de saber se era seu dever manter a casa de Sant'Agnese, interrogou os frades mais antigos. Todos e cada um afirmaram terem estado presentes naquele capítulo em que o mestre Jordão, de boa memória, pela vontade de todas as irmãs, recebeu a casa. Sendo assim, desejoso de confiar no relato deles, a partir do dito, conferiu o privilégio ao qual atrelou três selos: o seu e o dos referidos freis Ventura, anteriormente provincial da Lombardia, e do frei Bonacursi, então prior de Parma.⁴⁰

Os ataques às monjas bolonhesas não cessam, apesar de todos os reiterados gestos de conciliação. Mesmo tendo o mestre geral Raimundo confirmando mais uma vez Sant'Agnese como mosteiro da Ordem, um subalterno seu, o provincial da Lombardia, novamente ameaça sua afiliação. Recorre ele ao coletivo dos frades, talvez em um capítulo provincial, para que deem testemunho da correção da casa. Ainda outra vez, a cronista explicita os nomes importantes que dão legitimidade ao pleito das monjas.

Entrementes, presidindo a cadeira pontifical o senhor Inocêncio IV, as irmãs conseguiram do senhor Dante da sede apostólica cartas de instrução nas quais a casa se incorporava à Ordem sob a confiança do mestre da Ordem e do provincial da Lombardia. No entanto, perto do fim da vida do mestre João Quarto, de feliz recordação, mestre da ordem, alguns frades começaram a murmurar sobre ele e a se queixar de que o senhor papa Inocêncio tinha concedido seus privilégios a muitos monastérios de senhoras recentemente construídos; de modo que cabia aí uma correção por parte da Ordem. Por esse motivo, foram ter com o sumo pontífice a fim de fazer suas reclamações sobre isso. Finalmente obtiveram dele cartas para que os provinciais e frades não mantivessem de modo nenhum as casas supraditas. Mas os frades, não distinguindo bem, equipararam o mosteiro de Sant'Agnese aos supracitados mosteiros recentemente construídos, retirando-lhe, assim, todas as graças que o mestre Jordão, de boa memória, e seus sucessores lhe tinham concedido.⁴¹

Mais um papa, mais um pedido em favor da legitimidade da casa, sob a guarda do mestre e do provincial. Mas há também um novo Mestre Geral, João de Wildeshausen, que não aparece dando sua sanção a Sant'Agnese, mas é acusado pelos frades de ser permissivo em relação à criação de novas casas femininas. A mesma acusação teria sido feita contra o próprio papa, até o qual se dirigem frades desejosos de expor suas reclamações. São atendidos em sua demanda. A cronista afirma que estes frades não souberam diferenciar as novas fundações das antigas. Será? A pergunta cabe na medida em que, algumas décadas antes, Jordão colocara o mesmo argumento – a confusão entre fundações antigas e novas casas – numa carta endereçada a Diana (WALZ, 1951, p. 52-53). Parece-nos que essa “confusão”, portanto, era proposital. Ou seja, havia um grupo dentro da Ordem que era radicalmente contrário à existência de um ramo feminino.

Essa excursão dos frades opositores até a Cúria romana resultará na suspensão dos privilégios concedidos às irmãs de Bolonha. Concretamente, isso significava que as monjas não receberiam mais os sacramentos, não ouviriam mais a missa em reclusão, perdendo, assim, em grande medida, sua razão de existir como comunidade religiosa.

Em sequência, recorrendo à sede apostólica, as irmãs fizeram reclamações sobre tudo isso. Nesse ínterim, pesando a questão, o provincial da Lombardia, a saber, frei Gualfredo de Pérgamo, foi ter com o sumo pontífice. Mas o sumo pontífice, já sabedor das queixas das irmãs, repreendeu-o duramente, asseverando não ter sido sua intenção nem sua vontade a instrução de incluir a casa de Sant'Agnese nas casas mencionadas na carta de instrução.⁴²

As irmãs, por moto próprio, como fizera Diana, se correspondem com o papa. São atendidas depois que o provincial da Lombardia interceda por elas. Vemos, assim, como são potentes esses opositores das mulheres, uma vez que não só acessam diretamente o papa, como vão contra o superior imediato deles, o responsável pela província da Lombardia. É com um certo tom de vingança que a cronista afirma terem sido os opositores duramente repreendidos pelo Pontífice. Este esclarece que não pretendia excluir a casa de Sant'Agnese da fileira dos pregadores. É de se notar que as monjas bolonhesas não lutam por suas iguais, as mulheres das casas desvinculadas, mas apenas por sua própria fundação.

Em consequência disso, o referido provincial voltou a Bolonha e, presidindo o capítulo das irmãs, estando presentes o reverendo João de Vercelli, então conventual dos frades pregadores, e o frei Leonardo de Cremona, relatou, entre outras coisas, aquilo sobre o que nos referimos acima, e deu testemunho do que foi dito a ele pelo senhor apostólico. Desse modo, antes de sair de Bolonha, visitou a casa assim como antes costumavam fazer os mestres e provinciais

daquele tempo. No entanto, não foi restituída a celebração de missas, algo que o mestre Jordão, de boa memória, e seus sucessores haviam concedido.⁴³

A situação de confronto era tal que Gualfredo, provincial da Lombardia, vai ter com as monjas em seu capítulo, sem a presença do coletivo dos frades, reunindo-se a ele apenas dois frades, certamente favoráveis às monjas. Há que se destacar que todos os nomes citados pela anônima ao longo da crônica são de frades partidários às monjas. Seus detratores não são sequer uma vez mencionados nominalmente, respeitando-se, assim, o princípio normativo de zelo pela harmonia dentro da Ordem.

A crônica se conclui com uma breve e singela frase. Não há propriamente, portanto, uma conclusão que mereça esse nome. Mas, deixando por último uma demanda implícita, a autora faz recair sobre ela o peso de todo o seu esforço memorialístico, o objetivo imediato de suas linhas: as monjas permanecem alijadas de seu legítimo direito de serem atendidas pelos frades em suas necessidades espirituais. Não há quem lhes celebre as missas, direito garantido por todas as autoridades anteriores. Sem receberem a liturgia, não podiam se conectar à divindade. Sem se conectar à divindade, não eram mulheres consagradas à vida religiosa gozando de seus plenos direitos.

À guisa de conclusão, reiteramos o que buscamos demonstrar até aqui: o objetivo da crônica se une ao da hagiografia para estabelecer a legitimidade da associação do mosteiro de Sant'Agnese de Bolonha à Ordem dos Frades Pregadores. Isso se dá pelo insistente recurso aos privilégios concedidos por toda uma geração de autoridades, com as quais, muitas vezes, se estabelecem relações pessoais; bem como pela construção narrativa da santidade da fundadora. Respondendo à pergunta que dá título ao artigo, o texto que analisamos é uma crônica hagiográfica ou uma hagiografia cronística. Os gêneros literários, aqui, complementam-se para afirmar o inquestionável pertencimento da casa de Bolonha à Ordem Dominicana. Apesar dos percalços por que passa Sant'Agnese, a casa das monjas permanecerá associada à Ordem até sua dissolução, por Napoleão Bonaparte, em 1799.

Referências

Fontes editadas

Analecta Sacri Ordinis Praedicatorum. Roma, 1893.

Beati Iordani de Saxonia. Epistulae. WALZ, Angelus. (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. XXIII. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1951.

CAMBRIA, Maria Giovanna. *Il Monastero Domenicano di S. Agnese in Bologna: Storia e Documenti*. Bolonha: Tipografia SAB, 1973.

“Chronique” de Sainte-Agnès de Bologne. BÉRIOU, Nicole & HODEL, Bernard. (orgs.) In: *Saint Dominique de l'Ordre des Frères Prêcheurs: Témoignages écrits, fin XIIe –XIVe siècle. textes latins et italiens rassemblés*. Paris: Du Cerf, 2019.

Constitutiones antiquae. THOMAS, A H. De oudste constituties van de Dominicanen. Leuven, 1965.

CORMIER, Marie. *La bienheureuse Diane d'Andalo*. Roma, 1892.

IORDANO DE SAXONIA. Libellus de principiis ordinis praedicatorum. In: LAURENT, M-H. (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. XVI. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1935.

GERALDO DI FRACHET. Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum. In: REICHERT (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. I. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1896.

Miracles de Saint Dominique racontés par soeur Cécile et mis par écrit par soeur Angélique. In: BÉRIOU, Nicole & HODEL, Bernard. (orgs.) *Saint Dominique de l'Ordre des Frères Prêcheurs: Témoignages écrits, fin XIIe –XIVe siècle. textes latins et italiens rassemblés*. Paris: Du Cerf, 2019.

MELLONI, Giovambattista. *Atti o memorie degli uomini illustri in santità nati o morti in Bologna*, Classe seconda vol. I, Bolonha, 1773.

Bibliografia

ALBERZONI, Maria Pia. Jordan of Saxony and the Monastery of St. Agnese in Bologna. *Franciscan Studies*, Volume 68, p. 1-19, 2010.

ALBERZONI, Maria Pia. L'Ordine dei Predicatori e la vita religiosa femminile fino al generalato di Giordano di Sassonia. In: FESTA, Gianni & RAININI, Marco. *L'Ordine dei Predicatori. I Domenicani: storia, figure e istituzioni (1216-2016)*. Bari: Laterza, 2016.

BORGHI, Beatrice. Una ciudad, un santo, una orden: Bolonia, Domingo de Caleruega y la Orden de los Frailes Predicadores. Entre la vocación al estudio y la custodia de las sagradas prendas. *Medievalismo*, 25, p. 13-54, 2015.

BOUREAU, Alain. "Vitae fratrum, Vitae patrum". L'ordre dominicain et le modèle de Pères du désert au XIIIe siècle. *Mélanges de l'Ecole Française, Moyen Age, Temps Modernes*, Vol 99, n. 1, p. 79-100, 1987.

CARIBONI, Guido. Osservazioni sui percorsi normativi per le comunità religiose femminili nell'ambito dei predicatori fino a Umberto di Romans. In: ZARRI, Gabriella & FESTA, Gianni. *Il velo, la penna e la parola. Le domenicane: storia, istituzione e scritture*. Firenze: Nerbini, 2009.

CARIBONI, Guido. Problemi d'identità: le prime comunità femminili legate ai predicatori tra distinzione e appartenenza. *Revue Mabillon*, n.s., t. 20 (= t. 81), p. 151-172, 2009.

COAKLEY, John. Gender and the authority of friars: the significance of holy women for thirteenth-century franciscans and dominicans. *Church History*, vol. 60, issue 4, dezembro 1991.

FORTES, Carolina Coelho. 'A muito amada irmã Diana de Santa Inês de Bolonha': a amizade entre homem e mulher no século XIII a partir de uma perspectiva de gênero. in: CARLONI, Karla Carloni & FORTES, Carolina Coelho (orgs). *Mulheres tecendo o tempo: experiências e experimentos femininos no medievo e na contemporaneidade*. Curitiba: CRV, 2020.

JANSEN, Katherine Ludwig. *The Making of the Magdalen. Preaching and Popular Devotion in the Later Middle Ages*. Nova Jersey: Princeton University Press, 2000.

JOHNSON, Sherri Frank. *Monastic Women and Religious Orders in Late Medieval Bologna*. Cambridge: Cambridge University Press, 2014.

LIPINNI, Pietro. *Storie e leggende medievali: le Vitae Fratrum di Geraldo di Frachet*. Bolonha: Studio Dominicano, 1988.

MALLON, Jack. *'To Love and Be Loved: The Medieval Monastic Community as Family, 400-1300*. Ontario: University of Guelph, 2015.

PÉREZ VIDAL, Mercedes. Uniformitas vs diversitas en los monasterios femeninos de la Orden de Predicadores en Castilla (siglos XIII-XV). *Territorio, Sociedad y Poder. Revista de Estudios Medievales / n° 8*, p. 133-152, 2013.

PRUDLO, Donald. *The Martyred Inquisitor: The Life and Cult of Peter of Verona (†1252)*. Aldershot: Ashgate, 2008.

SMITH, Julie Ann. Prouille, Madrid, Rome: the evolution of the earliest Dominican Institute for nuns. *Journal of Medieval History*, Amsterdam, n. 35, p. 340-352, 2009.

TUGWELL, Simon. Notes on the life of St Dominic. *Archivum Fratrum Praedicatorum*, Roma, v. LXVI, 1996, pp. 137-138.

TUGWELL, Simon. The Evolution of Dominican Structures of Government, II: the early development of the second distinction of the constitutions. *Archivum Fratrum Praedicatorum*, Roma, v.LXX, p. 5-109, 2001. p. 90-99.

Notas

¹ De maneira geral, em português, dá-se o nome de convento a casas religiosas das Ordens mendicantes, e de mosteiro a casas monásticas. Essa diferença ainda não aparece claramente no latim do século XIII, sendo *monasterium* o termo utilizado no documento que ora analisamos. Como tratamos de um contexto em que mesmo o pertencimento da fundação aqui analisada está em questão, optamos por empregar aqui a expressão evocada pela fonte, ou seja, mosteiro.

² Há cinco edições modernas da narrativa: MELLONI, Giovambattista. *Atti o memorie degli uomini illustri in santità nati o morti in Bologna*, Classe seconda vol. I, Bolonha, 1773, pp. 363-367; CORMIER, Marie. *La bienheureuse Diane d'Andalo*, Roma, 1892, pp. 149-157; *Analecta Sacri Ordinis Praedicatorum*, 1893, pp. 181-187; CAMBRIA, Maria Giovanna. *Il Monastero Domenicano di S. Agnese in Bologna: Storia e Documenti*. Bolonha: Tipografia SAB, 1973. pp. 226-234 e BÉRIOU, Nicole & HODEL, Bernard. "Chronique de Sainte-Agnès de Bologne. In: *Saint Dominique de l'Ordre des Frères Prêcheurs: Témoignages écrits, fin XIIIe –XIVe siècle. textes latins et italiens rassemblés*. Paris: Du Cerf, 2019. p.125-129. O estudo desenvolvido nesse artigo é baseado nessa última edição, feita a partir de um manuscrito do século XV e a qual nos referiremos, daqui em diante, com a sigla CSA. Sobre a tradição manuscrita do texto Cf. TUGWELL, Simon. Notes on the life of St Dominic. *Archivum Fratrum Praedicatorum*, Roma, v. LXVI, 1996, pp. 137-138.

³ Como se sabe, os medievais não atribuíam títulos, usualmente, a seus escritos. Os títulos a que nos referimos foram dados pelos editores contemporâneos do texto, em especial, Cambria.

⁴ REIS, Jaime Estevão dos & RIBEIRO, Luiz Augusto. As crônicas medievais como fonte de pesquisa: uma análise comparada das duas edições da Crônica de Alfonso X. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, vol. 11, n.1, p. 226- 245, 2017. p. 226.

⁵ Sobre as características da literatura hagiográfica, cf. SILVA, Andréia Frazão da. Hagiografia Medieval: propostas para estudos em perspectiva comparada. *Fênix – Revista de História e Estudos Culturais*, vol. 12, ano XII, no. 1, 2015, p. 2.

⁶ Muito embora a classificação em gêneros literários precisos seja um expediente didático relevante para a compreensão dos textos, é comum que os medievais ultrapassem as fronteiras dessas categorias. Cf. BAÑOS VALLEJO, Fernando. *La Hagiografía como Género Literário em la Edad Media*. Oviedo: Departamento de Filología Española, 1989; GOMEZ REDONDO, Fernando. La Crônica particular como género literário. In: TORO PASCUA, María Isabel (ed.) *Actas del III Congreso de la Asociación hispánica de literatura medieval*. Salamanca, 1989; LAMBDIN, Robert & LAMBDIN, Laura (eds.) *Encyclopedia of Medieval Literature*. New York: Routledge, 2000. p. 99-103; p.251.

⁷ Nossa intenção inicial com esse artigo era a de apresentar uma edição comentada da fonte. Por conta do limite de caracteres estabelecido pelo periódico, isso não foi possível. Assim, optamos por analisar o documento na íntegra, como uma forma de disponibilizar a crônica/vida aos interessados em seu estudo.

⁸ Outras informações sobre Diana podem ser extraídas da correspondência que com ela mantém Jordão da Saxônia, entre 1222 e 1236. Beati Iordani de Saxonia Epistulae. WALZ, Angelus. (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. XXIII. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1951.

⁹ Diana foi beatificada no papado de Leão II, em 8 de agosto de 1888.

¹⁰ Como seu próprio nome indica, Pedro de Verona, ou Pedro Mártir, terá sua santidade reconhecida não mais que um ano após sua morte, em 1253. Prudlo defende que a rapidez no desenrolar do processo de canonização deve-se ao fato de Pedro ter sido assassinado por hereges, o que o torna um mártir, tipo de santidade bastante popular no século XIII. Cf. PRUDLO, Donald. *The Martyred Inquisitor: The Life and Cult of Peter of Verona (†1252)*. Aldershot: Ashgate, 2008 e FORTES, Carolina. As Mártires na Legenda Aurea: a reinvenção de um tema antigo em um texto medieval. In: Fábio Lessa; Regina Bustamante. (Org.). *Memória e Festa*. Rio de Janeiro: Mauad, 2005.

¹¹ Anno igitur domini MCCXVIII percurrente missi sunt a Roma Bononiam per sanctum Dominicum fratres predicatorum. Qui uenientes a fratre Rodulfo ecclesiam beati Nicolai petierunt. Erat namque predictus frater sacerdos illius ecclesie. Que ecclesia sita erat in loco qui dicebatur ad uineas. CSA, p. 125.

¹² Locus uero ille erat domini Andalotis, patris uidelicet illustrissime femine domine Dyane. Predictus uero dominus Andalo nolebat locum prememoratum fratribus dare, sed ad petitionem domine Dyane fundatricis postea domus sancte Agnetis assensum dedit eis que locum predictum concessit. Qui fratres edificauerunt ibidem domum et claustrum. Et per gratiam Christi ceperunt multiplicari. CSA, p. 125.

¹³ Há alguma confusão se Pedro Lovelo era pai ou avô de Diana, porque ambos, pai e filho, receberam o apelido Andaló.

¹⁴ Interea magistro Raynaldo ueniente Bononiam et predicante uerbum dei cum magno feruore predicta domina Dyana, filia prememorati domini Andalotis, diuino spiritu attracta cepit pompas et uanitates seculi contemnere ac cum fratribus predicatoribus familiaritatem et colloquium habere frequentius. CSA, p. 125.

¹⁵ “Erat autem vir opinione magnus, doctus scientia, celebris dignitate, qui de iure canonico rexerat Parisius annis quinque.” IORDANO DE SAXONIA. Libellus de principiis ordinis praedicatorum. In: LAURENT, M-H. (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. XVI. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1935. p.51.

¹⁶ Propterea, cum beatus Dominicus aduenisset Bononiam, ipsum tota animi affectione diligere cepit ac cum ipso de anime sue salute tractare. Tandem non multo post in manibus ipsius se misit ac professionem fecit presente magistro Reginaldo et aliis fratribus, uidelicet fratre Guala Brixiensi et prememorato fratre Rodulfo, ac dominabus que adhuc supersunt coram altare beati Nicolai. CSA, p. 125.

¹⁷ Domingos passa por Bolonha no final de agosto de 1219. Cf. CARIBONI, Guido. Problemi d’identità: le prime comunità femminili legate ai predicatori tra distinzione e appartenenza. *Revue Mabillon*, n.s., t. 20 (= t. 81), 2009, p. 151-172. p. 156.

¹⁸ Rodolfo de Faenza não só cedeu aos frades a Igreja de São Nicola como se fez dominicano ele mesmo. Em sendo já o reitor daquela igreja, continuou em seu cargo de liderança ao ingressar na Ordem. GERALDO DI FRACHET. *Vitae Fratrum Ordinis Praedicatorum*. In: REICHERT (ed.) *Monumenta Ordinis Fratrum Praedicatorum Historica*, vol. I. Roma: Institutum Historicum FF. Praedicatorum, 1896. p.40.

¹⁹ Ceperunt preterea multe nobiles domine et illustres matrone de ciuitate Bononie ipsius exemplo cum fratribus predicatoribus familiaritatem et colloquium habere de salute anime. Exinde expergefacta est deuotio multorum militum nobilium et consanguineorum dominarum, qui ceperunt fratres adiuuare et uenerari. CSA, p. 125.

²⁰ Interim prememorata domina Dyana, uoti sui non immemor, cum beato Dominico cepit tractare qualiter uotum suum posset ducere ad effectum. Quadam igitur die beatus Dominicus coadunans fratres suos ac requirens beneplacitum ipsorum, uidelicet de edificanda domo dominarum que ordinis diceretur et esset, cum fratres respondissent prout sibi uidebatur, ipse beatus dixit fratribus, Ego hodie nolo respondere uobis, uolo enim consulere dominum, et cras respondebo uobis. Et more solito ad orationis studium se conuertit. Alia uero die post orationem residens inter fratres in capitulo dixit, Oportet fratres omnino ut domus dominarum edificetur, etiam si domus hec nostra oporteret intermitteri. CSA, p. 125.

²¹ Interea beatus Dominicus recessurus a Bononia commisit hoc negotium quatuor fratribus, uidelicet magistro Paulo de Ungaria, fratri Guala, qui postmodum episcopus Brixiensis fuit, fratri Venture Veronensi, qui postmodum prior prouincialis extitit, ac fratri Rodulfo Fauensi supramemorato. Hi ergo quatuor uiuente beato Dominico inuenerunt quendam locum ubi deberet edificari domus dominarum; sed episcopus Bononiensis noluit ut in predicto loco fabricaretur ecclesia, eo quod nimis prope ciuitatem esset locus. CSA. p. 125.

²² Interea domina Dyana residebat in domo patris sui, corpore uidelicet non mente. Subtus uero a carne cilicio induebatur et una cathena ferrea cingebatur. Desuper uero purpura et sêrico atque lapidibus pretiosis tegebatur, auro quoque et argento. Preterea in cubiculo suo demorabatur a mane usque ad tertiam stans in oratione et silentio. Cum autem propter timorem parentum non posset implere quod optabat et beato Dominico promiserat, uidelicet edificare domum dominarum que ordinis diceretur et esset, quadam die, in festo uidelicet beate Marie Magdalene, dixit se uelle inuisere monasterium quod dicitur Ronzanum. Perrexit igitur ad domum cum magna pompa et ingenti gloria, constipatamultitudine dominarum. Cum autem peruenisset ad locum, intrauit intus in dormitorium sororum sola petiitque repente habitum et accepit. CSA, p. 126.

²³ Cum hoc multitudo dominarum que cum ea uenerant cognouisset, miserunt cito nuntium ad ciuitatem. Fit repente concursus ingens populorum, uirorum ac mulierum parentumque et amicorum. Qui uenientes ad monasterium extraxerunt eam cum magna ui, in tantum quod costam illius fregerunt. Et habuit signum fractionis usque ad diem mortis sue. Occasione etiam illius iniurie, quam ei tunc fecerunt, iacuit infirma fere per annum in domo patris sui. CSA, p. 126.

²⁴ Erat tunc temporis Bononie beatissimus pater Dominicus. Qui audito ingressu eius gauisus est nimium; sed postea quam audiuit iniurias quas perpessa est condoluit ualde, dirigebatque ad eam litteras occulte tempore quo iacebat infirma in domo patris sui. Nam parentes illius non sinebant eam loqui cum aliqua persona, nisi presens esset aliquis ex consanguineis suis. CSA, p. 126.

²⁵ Inter hec beatus Dominicus ad eterna gaudia feliciter migravit, et soror Dyana ita in domo patris sui permansit afflicta nimis de morte tanti patris. Sed omnipotens deus, qui eam ante mundi constitutionem elegerat, non dereliquit eam, sed misertus eius remouit ab ea paulisper impedimenta, cepitque conualescere de infirmitate sua graui. Cum autem paululum conualuisset, nocte in festo omnium sanctorum fugam iniit,

^{exiens} de domo patris sui, ac monasterium prememoratum adiit. Desperati itaque parentes ipsius de illa dimiserunt eam. Permansit itaque in illo monasterio a festo omnium sanctorum usque ad ebdomadam infra octauam ascensionis. CSA, p. 126.

²⁶ In cuius medio felicitis recordationis magister Iordanis, qui tunc temporis erat prouincialis Lombardie, una cum fratribus supramemoratis quibus hoc negotium beatus Dominicus commiserat, fideliter adiuuabant eam, dantes operam ut opus diu optatum posset perficere. Et quia, sicut superius dictum est, episcopus noluit ut fabricaretur ecclesia in supramemorato loco, eo quod nimis prope ciuitatem esset locus, predicti fratres una cum consanguineis domine quesierunt alium locum, uidelicet uallem sancti Petri; sic enim appellabatur locus ille, sed postea dictus est mons sancte Agnetis. Habita itaque licentia episcopali fecerunt edificare ibidem domunculam paruam. CSA. p. 126.

²⁷ Edificata domuncula iuerunt pro illa prememoratus pater magister Iordanis cum aliis fratribus eiusdem ordinis, fratre Guala uidelicet, fratre Ventura Veronensi, fratre Rodulfo Faentino, fratre Bernardo teotonico et aliis fratribus, introduxeruntque illam in domunculam cum aliis dominabus quatuor de Bononia anno domini millesimo CC° XXIII° infra octauam dominice ascensionis. In festo autem apostolorum Petri et Pauli susceperunt a predicto patre magistro Iordane habitum ordinis. Igitur ad predicationem fratris Bernardi teotonici et amonitionem. CSA, p. 126.

²⁸ Paulo post due nobiles domine de Ferraria eorum collegio sociate sunt. Sed et magister Iordanis bone memorie accersiri uolens quatuor sorores de sancto Sisto per licentiam summi pontificis, ut eas docerent ordinem et modum religionis, destinavit ad curiam duos ex quatuor illis fratribus, quibus beatus Dominicus negotium commiserat, uidelicet fratrem Gualam Brixiensem et fratrem Rodulfum Fauentinum. Hi ergo duo summum pontificem adeuntes et causam itineris ei exponentes eum nullis precibus inflectere ad exauditionis gratiam ualuerunt. CSA, p. 126-127.

²⁹ Os mosteiros Prouille, Madri, Roma, Bolonha e o mosteiro de Oeren, de identificação geográfica pouco precisa.

³⁰ Tandem uero ad preces domini Ugolini Ostiensis episcopi inclinatus assensit. Hic namque dominus Ugolinus Ostiensis episcopus, existens in Lombardia legatus, audita fama domine Dyane supradicte, uisitare eam studuerat existentem adhuc in domo patris. Summus igitur pontifex Honorius ad monasterium dominarum sancti Sixti accedens, presente supradicto domino Ugolino et fratre Clario prouinciali Tuscie ac priori sororum sancti Sixti et conuentuali fratrum, inter cetera que sororibus locutus est hoc intulit, ualde sibi durum uideri aliquas e monasterio extrahere ; uerumtamen attendens ualde incongruum et indecens talium personarum preces ad exauditionis gratiam non admittere, asseruit se uelle quatuor ex ipsis ad monasterium sancte Agnetis destinare. CSA, p. 127.

³¹ Tugwell dedica algumas páginas inspiradas ao contexto em que foi emitida a bula papal *Ad audietiam nostram*, de dezembro de 1226. Entre outros fatores, aponta o papel relevante que o frei Guala teve, naquele ano, ao agir como conciliador, em Bolonha, de mais um conflito entre guelfos e gibelinos. Defendendo o papado, estava em posição privilegiada junto ao papa. Mas a cronista parece desconhecer esse fato, ou prefere conscientemente dar destaque a Ugolino, que viria a ocupar o trono de Pedro no ano seguinte. Outro fato que chama a atenção de Tugwell é a referência, em uma carta de Jordão à Diana, ao plano do mestre em chamar monjas de Prouille, e não de São Sisto, para auxiliar as irmãs bolonhesas. Sabemos que as monjas de Prouille nunca chegaram a ser enviadas para Bolonha, mas o motivo é desconhecido. Cf. TUGWELL, Simon. *The Evolution of Dominican Structures of Government, II: the early development of*

the second distinction of the constitutions. Archivum Fratrum Praedicatorum, Roma, v.LXX, p. 5-109, 2001. p. 90-99.

³² Quapropter eis in uirtute spiritus sancti et obedientie iniunxit ut oculos diuine maiestatis attendentes quatuor ex se eligerent magis ydoneas ad opus perficiendum. Sicque quatuor sorores que professe erant in manibus beati Dominici et ab eo habitum susceperant ad monasterium sancte Agnetis deuenerunt, fueruntque in earum collegio usque ad diem mortis sue, magno sanctitatis uigore pollentes. Quarum sororum una extitit soror Cecilia, que adhuc superest, que etiam interfuit quando beatus Dominicus consanguineum domini Stephani cardinalis defunctum apud sanctum Sixtum resuscitauit. Preterea fratres predicantes per Lombardiam et marchiam conuertebant dominas ac earum collegio sociare curabant, ita quod in breui tempore de nobilioribus Lombardie et marchie earum collegio sociate sunt. CSA, p. 127.

³³ Magistro autem Iordane in officio magistrali existente prememoratus frater Guala ex uoluntate magistri summum pontificem Honorium adiit, litterasque preceptorias impetrauit, ut magister ordinis domus sancte Agnetis teneretur curam gerere sicut alicuius domus Fratrum ordinis. Sicque felix memorie magister Iordanis litteris sibi presentatis in generali capitulo quod tunc celebratum fuit Bononie ex uoluntate omnium diffinitorum recepit eandem domum. Demum idem magister recepit in manibus suis sororem Dyanam una cum toto conuentu ad professionem. Sed et priores prouinciales pro tempore existentes ipsas sequentes sorores in nomine magistri ordinis ad professionem acceperunt. CSA, p. 127

³⁴ Nas Constituições, dois capítulos, um na primeira e um na segunda distinção, são dedicados ao “escândalo”, e os atos de falar mal da Ordem ou brigar com confrades estão entre as culpas graves. *Constitutiones antiquae*. In: THOMAS, A H. *De oudste constituties van de Dominicanen*. Leuven, 1965, I, p. 333-4.

³⁵ Quantum uero uenerabilis pater magister Iordanis hoc collegium dilexerit quantumue eis in omni necessitate et angustia propitius fuerit testantur epistole ab ipso transmissae sorori Dyane et ceteris eiusdem loci sororibus. Concessit preterea uenerabilis pater ac deputauit eisdem fratres qui missarum solennia quotidie in earumdem domo celebrarent, utpote domus ordinis. Nam a principio deputauerat conuersos qui in eadem residerent domo ac procurarent temporalia ipsarum, sed tempore procedente sororibus uisum est melius ut in domo earum residere minime tenerentur conuersi uel clerici, et idcirco felix pater ordinauit hoc quod superius dictum est, uidelicet ut quotidie ipsis celebrarent diuina, licet in domo earum residere non tenerentur. CSA, p. 127.

³⁶ Tempore autem procedente ceperunt quidam fratres questionem facere de predicta domo ac predictis sororibus molestiam inferre. Unde predictus pater instanter capitulo generali apud Parisium una cum diffinitoribus habuit consilium cum magistris Parisiensibus. Qui simul tale dederunt responsum, uidelicet quod eandem domum non poterant a sua cura sequestrare absque mortali peccato. Extunc ipse beatus pater ualde duriter reprehendebat illos qui aliquam querimoniam siue questionem mouebant de predicta domo, et exortabatur eos ac monebat ualde presens et absens ut illam domum diligerent ac consolarentur, utpote domum ordinis. CSA, p. 127.

³⁷ Viam denique uniuerse carnis domino Honorio ingresso et domino Gregorio in pontificali gloria sublimato, supradicta soror Dyana fundatrix domus sancte Agnetis operam dedit impetrari sibi adhuc litteras preceptorias a summo pontifice, ut magister ordinis domus sancte Agnetis tene<re>tur <curam gerere>, sicut alicuius domus fratrum ordinis. Dominus autem uoto eius annuit. Nam quod optauit a summo pontifice obtinuit. Sicque domus ab his duobus pontificibus magistro ordinis est commissa ante mortem ipsius. CSA, p. 127-128.

³⁸ Annis igitur tresdecim in ordine transcursis, deo digna ac uenerabilis femina soror Dyana migravit feliciter ad dominum. Ad cuius exequias totus conuentus fratrum predicatorum Bononiensium una cum priore aduenit ipsiusque uenerandum corpus digno cum honore iuxta altare beate Agnetis in capsula lignea reconditum tumulauit. Quantus autem luctus hominum, quanta precipue lamenta sororum et fratrum in eius morte fuerit silentio suppressimus, ne nimis in longum pergat oratio. CSA, p. 128.

²⁰ Fuit autem hec felix femina prudentissima ualde et eloquentissima, decora facie et uenusto aspectu, omnium oculis gratiosa et amabilis uidebatur, honestate preclara, diuinis obsequiis dedita, orationibus intenta, deuotioni ita mancipata quod uberes ad lacrimas sorores suas sepius prouocabat, amatrix fratrum et ordinis precipua, humilitate cordis yma, uiliori habitu tegebatur pre aliis. Rigorem religionis in se et in aliis mirabiliter zelabat. Istis et his similibus donis adornata fuit hec deo digna soror monasteriumque quod extruxit uerbis pariter et exemplis mirifice decorauit. CSA, p. 128.

³⁹ Post mortem autem eius felicis recordationis magister Iordanis uiam uniuerse carnis ingreditur eodem anno, et magister Raymundus ordinis magister institutus est. Qui magister Bononiam ueniens sororesque uisitans oblatis sibi priuilegiis diligenter inspectis auditoque a sociis fratribus qui erant cum eo, fratre uidelicet Ventura et fratre Rodulfo, necnon et priore conuentus fratrum Bononiensium, qualiter predecessor eius domum recepisset, residens in capitulo coram omnibus sororibus et fratribus prememoratis dixit, Ex quo uos predecessor meus recepit, et ego uos recipio. Sicque antequam a Bononia recederet omnes ad professionem recepit, ac domum per se ipsum uisitauit. CSA, p. 128.

⁴⁰ His temporibus fratre Ottone teotonico in prouinciali officio Lombardie instituto, uolens scire an ex debito domui sancte Agnetis teneretur, quosdam de antiquioribus fratribus requisiiuit. Qui omnes et singuli asseruerunt se illi capitulo interfuisse, quando bone memorie magister Iordanis, ex uoluntate omnium, sororum domum recepit. Sicque ille memorie aliorum uolens commendare ex hoc quoddam confecit priuilegium, in quo tria appendit sigilla, suum uidelicet et prememorati fratris Venture quondam prouincialis Lombardie, et fratris Bonacursi tunc priori Parmensi. CSA, p. 128.

⁴¹ Interea presidente in pontificali cathedra domino Innocentio quarto sorores domino dante obtinuerunt ab apostolica sede litteras preceptorias, in quibus incorporata ordini domus committitur magistro ordinis et prouinciali Lombardie. Circa uero finem uite felicis recordationis magistri Iohannis, quarti uidelicet magistri ordinis, quidam fratres murmurare ceperunt super eo et conueniri quod dominus Innocentius papa pluribus monasteriis dominarum nouiter constructis priuilegia concessit, ut sub ordinis correctione haberentur. Quapropter quidam summum pontificem adierunt super hac re querimoniam facturi. Tandem autem ab eo litteras obtinuerunt, ut prouincialis et fratres minime tenerentur supradictis domibus. At fratres non bene auertentes monasterium sancte Agnetis cum supradictis monasteriis nuper constructis equiparauerunt, subtrahentes omnia diuina que bone memorie magister Iordanis et eius successores concesserant. CSA, p. 128-129.

⁴² Tandem uero sorores ad sedem apostolicam recurrentes super his omnibus querimoniam fecerunt. Interim autem exigente causa prouincialis Lombardie, uidelicet frater Gualfredus Pergamensis, summum pontificem adiit. At summus pontifex intellecta prius sororum querimonia durissime quidem eum reprehendit, asserens sue intentionis et uoluntatis non esse, littere ab eo ut percepte super domibus sororum nuper constructis monasterium sancte Agnetis uelle includere. CSA, p. 129.

⁴³ Unde prememoratus prouincialis Bononiam rediens et in capitulo sororum residens, presente reuerendo magistro Iohanne Vercellensi tunc fratrum predicatorum Bononiensium conuentali et fratre Leonardo Cremonensi, inter cetera que proposuit hec que supra retulimus a domino apostolico sibi dicta asseruit. Sicque antequam a Bononia recederet, domum uisitauit sicut ante facere consueuerant magistri et prouinciales pro tempore existentes. Non tamen restituit missarum celebrationem, quam bone memorie magister Iordanis et eius successores concesserunt. CSA, p. 129.

Submetido em: 18/10/2022
Aceito em: 10/03/2023